

APRESENTAÇÃO

# HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO CAPIXABA

A escrita da História da Educação de modo amplo e da capixaba, em particular, tem passado por um significativo movimento de ampliação. Em meio aos desafios da dispersão das fontes, da diversificação dos temas, objetos e problemas da História da Educação, pesquisadores e pesquisadoras têm ensejado investigações na busca por visibilizar sujeitos, processos e instituições a partir de recortes temporais e espaciais no sentido de problematizar questões gerais por meio de investigações locais (LEVI, 2000).

Esse crescimento historiográfico local pode ser identificado, por exemplo, por meio de levantamento de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (SIMÕES, BERTO, SALIM, 2018), pois, de 1992, data da primeira defesa sobre o tema até 2018, 26 dissertações e 19 teses foram defendidas. No Programa de Pós-Graduação em História foram 12 dissertações e duas teses. Já no Programa de Pós-Graduação em Educação Física foram defendidas cinco dissertações. Com efeito, ao considerarmos elementos locais e nacionais, de ordem política, social e acadêmica, as autoras consideram que esse balanço realizado sobre estudos da História da Educação capixaba fala da ampliação e da consolidação da historiografia da educação local, além de tornar visíveis espaços ainda não preenchidos nesse campo investigativo.

Com isso e reconhecendo que fazer história é uma prática, conforme defende Certeau (1982), sentimo-nos responsáveis e corresponsáveis pelas narrativas que produzimos no sentido de despertar no passado – e também no presente, pois concordamos com Bloch (2001) que a História é a ciência de homens e mulheres no tempo –, centelhas de esperança a partir das narrativas e dos sujeitos com os quais dialogamos e visibilizamos. Assim, fazemos História e, por isso, esperamos que ela, no limite, nos ajude a viver melhor (BLOCH, 2001). Analogamente, vivemos, pensamos e produzimos educação. Não qualquer uma e com qualquer propósito, mas nos comprometemos com uma educação que, de acordo com Faria Filho, em entrevista que compõe este Dossiê, propicie uma formação democrática e solidária e, ao mesmo tempo, combata instituições e coletivos que priorizam o ódio, a violência e o autoritarismo.

Nesse movimento, esta proposta de dossiê intitulada *História e Historiografia da Educação capixaba* objetiva promover diálogos com/entre pesquisadores que tematizam a história da educação, em busca de socializar narrativas historiográficas que abordam objetos e temas do ponto de vista da história local; problematizar os caminhos necessários à ampliação da pesquisa histórica da educação capixaba e divulgar os trabalhos produzidos sobre a historiografia da educação capixaba.

Em meio aos desafios postos aos pesquisadores da História da Educação, a dispersão e a escassez das fontes ocupam lugar central. Desse modo, esse movimento de

expansão e diversificação da pesquisa em história da educação capixaba vem se constituindo e se consolidando a partir de alguns elementos, como expressaram Simões, Berto e Salim (2018, p. 17):

a) a localização, a seleção e a organização sistemática de fontes; b) a composição de narrativas historiográficas, frequentemente inaugurais, que abordam objetos e temas do ponto de vista da história local; c) o investimento em ferramentas teórico-metodológicas que potencializem a escrita da história local, compreendendo-a no conjunto de narrativas irradiadas a partir de diferentes lugares de investigação e; d) a publicação e a divulgação, em âmbito nacional e internacional, dos trabalhos produzidos sobre a historiografia da educação capixaba.

Desse modo, essa proposta se abre para estudos realizados sobre a História e a Historiografia capixaba na busca pela compreensão dos processos educativos neste estado, focalizando questões, como: a) a Formação e a Prática docente; b) Fontes e percursos metodológicos para a pesquisa em História da Educação; c) os sujeitos e temas da História da Educação, como as Relações Étnico-Raciais e Educação do Campo. Embora o dossiê tenha como foco o Espírito Santo, vislumbra-se nesta edição abordagens também em outras localidades do Brasil, no sentido de pensarmos questões gerais na relação com investigações locais.

Essa proposta de diálogo entre/com pesquisadores da história da educação se situa no movimento de constituição de redes que possibilitem não apenas a ampliação desse campo de estudos, mas o diálogo entre diferentes espaços de pesquisa. Assim, reiteramos e atualizamos o convite feito em 2009, por Simões, Franco e Salim, “[...] a outras falas e outras escritas, de forma a provocar enredamentos necessários à consolidação e à ampliação da pesquisa histórica da educação no Espírito Santo” (2009, p. 21).

Dentro do conjunto de oito textos, o artigo *Um estudo sobre a seção de filmes do Arquivo Nacional: a trajetória do setor responsável pelo tratamento técnico de filmes e vídeos* tematiza os desafios da preservação de filmes e vídeos no país. Para interpretar fatos e contextos, o estudo faz uma ampla pesquisa documental em relatórios, mensários, publicações, instrumentos de pesquisa e organogramas e, para preencher lacunas, realizou-se uma série de entrevistas, com base na História Oral, com alguns dos atores do processo de institucionalização do audiovisual, no Arquivo Nacional. O conceito de audiovisual, adotado pela pesquisa, pressupõe imagens em movimento, com som ou não, o que abarca documentação filmográfica e videográfica, a mesma premissa adotada pelo objeto de estudo — o setor que dá tratamento e acesso a filmes e vídeos,

na principal instituição arquivística do país, em nível federal. O texto ancorou-se em revisão bibliográfica, fontes, referências e narrativas.

Na busca por demonstrar a importância dos espaços de construção coletiva do saber pedagógico em formações continuadas de professores, o artigo *A relação dos espaços coletivos de discussão do saber pedagógico em contraposição à solidão do fazer docente*, buscou dialogar com autores como António Nóvoa, Paulo Freire e Michel de Certeau, para apoiar epistemologicamente as abordagens. Trata-se de um estudo de caso no espaço coletivo de discussão e de produção de saberes e fazeres pedagógicos denominado Macrocentro “Vozes do Campo”. A partir da coleta de dados, da análise e da conceitualização do problema, privilegia os percursos e contornos que integram a formação continuada de professores das escolas multisseriadas do campo em suas múltiplas realidades. Os resultados apontam para um espaço de formação continuada de professores sujeitos de sua própria formação e da formação de seus pares que pressupõe a construção de camadas de sentidos no processo de compartilhamento de experiências, além de usos e apropriações que transformarão as escolas do campo em espaços de formação dos próprios professores, da sua profissionalidade e da sua personalidade, (re)inventando o cotidiano das escolas do campo, tornando-as um lugar praticado e transformando-as em espaços de formação de professores.

Ao registrar o Curso Piloto de “Formação e pesquisa em educação para relações étnico raciais” articulado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da Ufes e o Ministério Público do ES, o artigo apresenta uma proposta de formação continuada por meio extensão universitária, fundamentada nos pressupostos legais para o desenvolvimento formativo da Lei nº 10.639/2003, e 11.645/2008 nas disposições legais da EREB. O texto discute a importância de se pensar a formação continuada em “redes” (ALVES, 2004, 2017) e articulação fundamental dos NEAB’s na elaboração de propostas de formação antirracista (COMES; JESUS, 2013). Aponta, desse modo, o Movimento Negro como protagonista central desse arranjo político e epistêmico para uma educação “decolonial” (OLIVIERA, 2018) em direção a um novo currículo antirracista. Como percurso metodológico, pauta-se na Pesquisa-Ação (BARBIER, 2007) por meio da interação no coletivo de aprendizagem. Como resultado propõe investimento para o desenvolvimento das formações, além da continuidade das redes formativas ampliando resultados para um quantitativo maior de regiões capixabas, atingindo um quantitativo mais expressivo da comunidade.

O artigo *Residência Pedagógica: experiências com outras linguagens como possibilidades no ensino e na aprendizagem em história* se constrói a partir de relatos de experiências dos estudantes do curso de Licenciatura em História, do Subprojeto Interdisciplinar História e Sociologia do Programa Residência Pedagógica (PRP), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), realizado entre o período de agosto de 2018 e janeiro de 2020 em duas escolas públicas da rede estadual de ensino do Espírito Santo. O texto apresenta aspectos gerais do desenvolvimento das atividades realizadas e discussão sobre temática relacionada aos usos de outras linguagens como metodologia didático-pedagógica para o ensino de História. O ob-

jetivo deste trabalho é explicitar, na visão dos residentes do PRP, a percepção da realidade no ambiente educacional, suas experiências como docentes residentes na escola-campo e sua formação prática em consonância com a teoria, relacionando-as. A metodologia pautou-se nas narrativas dos residentes, registradas em diferentes momentos da realização do subprojeto, ancorada ao conceito de Consciência Histórica, de Rüsen (2011). Os principais resultados da Regência Pedagógica advêm, necessariamente, pela própria vivência da prática docente, isto é, lidar com a realidade escolar e propor novas visões para o processo de ensino e aprendizagem, permitindo uma troca e ao mesmo tempo formação do professor-preceptor, que acompanha os residentes.

Em *Os pressupostos de Carlo Ginzburg e de Marc Bloch para a pesquisa em História da Educação* são focalizadas apropriações do pensamento de Carlo Ginzburg (2002, 2007a, 2007b) e de Marc Bloch (2001) para a leitura das fontes e produção da narrativa historiográfica da Educação, a partir de incursões realizadas durante as pesquisas de Mestrado (LONBA, 2013) e de Doutorado (LUIZ, 2015). Ao pesquisar a constituição da Educação Infantil no Município de Aracruz – ES, Lomba (2013), na intenção de produzir uma visita ao passado, a captura do movimento foi no sentido de rebobinar o filme (BLOCH, 2001) e ao promover o entrecruzamento de múltiplas fontes, considerou que os pontos de vistas sobre determinada realidade, além de serem intrinsecamente seletivos e parciais, dependem das relações de força que os condicionam. Ao investigar práticas de professores de História durante a Ditadura Militar, Luiz (2015) compreende como vestígio tudo aquilo que pode informar sobre o ser humano e ao “rastrear” os indícios, as pistas, os sinais não os toma como prontos, mas os problematiza, interrogando as fontes contra as intenções de quem os produziu. De modo ampliado, as duas pesquisas assumem um eixo comum: a prática historiográfica pautada no pensamento de Bloch e Ginzburg. Ambas apontam para o papel decisivo do trabalho do historiador da educação: a interrogação de diferentes fontes para a compreensão do campo investigativo e a escrita da história.

O texto *“A Odisseia” sem Homero: da exortação de Paes Barreto à construção de uma semântica do passado na busca pelo ‘ser capixaba’*, ao abordar o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), inaugurado sob a Exortação do Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, mobilizando um coletivo de homens intelectuais a constituírem uma historiografia capixaba — ou “capichaba” — atribuindo sentidos para o passado local, buscou compreender a noção de um ser “capichaba”, da inauguração do instituto às campanhas hodiernas pelo orgulho local —, por meio da pesquisa documental. Especificamente, buscou problematizar elementos constitutivos do passado local evocados no tempo presente; situar a contribuição e legado do IHGES, revisitando-se seu discurso fundação e; relacionar a semântica de passado (CARVALHO, 2018), caracterizada pela busca do ser “capichaba”. Sob os modos de ser do “dasein” heideggeriano (HEIDEGGER, 2012), inscreve-se uma narrativa crítica do Espírito Santo (NASCIMENTO, 2018), da recepção didático-pedagógica (PIROLA, 2008) à vanguarda intelectual e vultos pátrios (COSTA, 2010; BICOSSI, 2018), de pensamentos hegemônicos a problemas da historiografia local.

Em *Lugares de Memória, Cultura e Informação: Análise da Lei 6.929/2007 e Lei 3.730/91*

na Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim, abordou-se o estabelecimento das leis 6.929/2007 e 3.730/1991 no intuito de fortalecer uma construção memorial por intermédio de uma produção cultural fomentada pelo Estado. Assim, ao identificar confluências entre a legislação mencionada e os conceitos de Memória Coletiva, Lugares de Memória e História e Memória, buscou-se demonstrar como se opera a construção memorial por intermédio do aparelhamento dos instrumentos públicos no intuito de produzir uma história que seja percebida como memória individual construtiva da memorial social. Assim, o estudo apontou que cabe à Ciência da Informação, via Bibliotecas Públicas, o processo de mediação dessa informação depurando essa produção memorial e apresentando ao usuário o contexto sociopolítico de estabelecimento de tais construções memoriais, a fim de propiciar equidade entre as múltiplas memórias que emergem das disputas pelas narrativas históricas que estão em permanente e contínuo curso.

Além dos artigos, a presente edição da revista conta com a Colaboração Especial: *Negraô: 31 Anos de Memória Ancestral*; a Reportagem *Pelas Lentes De Mazzei – 40 Anos de Saudades*; a resenha produzida por Elda Alvarenga da obra *Vozes negras na história da educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002)* de autoria de Gustavo Henrique Araújo Forde e a entrevista com o professor doutor Luciano Mendes Faria Filho.

A Colaboração Especial: *Negraô: 31 Anos de Memória Ancestral* objetivou comemorar os 31 anos de trabalho e resistência, registrando a trajetória da “Cia de Dança Afro-brasileira”, cuja expressão no cenário da dança capixaba merece destaque, especialmente por colaborar com a formação artística de muitos artistas e o resgate da dança de matriz africana em contexto capixaba. A história da Cia de Dança NegraÔ e de seus personagens de importância extrema para o surgimento e sequência desse trabalho artístico, cultural e social para o estado, explícita de forma abrangente e forte a dança afro-brasileira, os corpos pulsantes dentro e fora de cena e a história daqueles corpos negros que precisava ser contada. Os espetáculos estão enraizados na cultura negra e contam com repertórios relevantes e de refinamento técnico, que já tiveram parcerias como o músico Maurício de Oliveira e a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo.

A reportagem sobre a exposição *Pelas Lentes de Mazzei – 40 Anos de Saudades*, dá lugar ao período de 21 de outubro e 02 de dezembro de 2021 quando o APEES recebeu uma exposição com fotos originais e maquinários de um dos grandes nomes da fotografia capixaba: Alfredo Mazzei. O acervo se compôs de 150 fotografias originais em papel, provenientes do acervo da família Mazzei e foram expostas no saguão do APEES, além de negativos fotográficos de vidro e de plástico, rolos de filmes, tela de pintura, objetos pessoais e maquinários utilizados por Alfredo Mazzei em seu estúdio fotográfico instalado no centro de Vitória, durante quase 50 anos.

O título da exposição *Pelas Lentes de Mazzei – 40 Anos de Saudades* faz referência aos 40 anos do falecimento do fotógrafo, ocorrido em 13 de maio de 1981. Por meio das imagens produzidas por ele, os visitantes puderam realizar uma verdadeira imersão na cidade de Vitória de um outro tempo. As imagens retratam a arquitetura, as paisa-

gens, a vida política, cultural e social da ilha. Chama a atenção o interesse de Mazzei pela transformação da cidade na virada dos anos 1930, quando Vitória era mesmo a cidade presépio do Brasil, composta por imóveis baixos que não cobriam a paisagem, e o porto começava a tomar espaço, forçando um redesenho no espaço urbano, especialmente no centro da cidade.

A resenha produzida por Elda Alvarenga dá lugar à obra *Vozes negras na história da educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002)* de Gustavo Henrique Araújo Forde (2018), que buscou, na interseção da História da Educação do Espírito Santo com a História do Movimento Negro Capixaba, identificar “vozes negras” que problematizam o ensino, a didática, o currículo, o material de ensino e a formação de professores, à medida que atribuem sentidos e elegem a educação escolar como principal campo de afirmação político-cultural e ascensão socioeconômica da população negra, para além do acesso e permanência dessa população no sistema de ensino. O livro aponta, por outro lado, que o percurso da militância negra no campo da educação ocorreu entrelaçado a uma práxis na qual faz-se necessário não apenas incluir conteúdos no currículo, mas transformar a educação e é por meio desse processo de transformação, de descoberta, de pertencimento identitário e de compromisso histórico coletivo que emergem como principais categorias no processo de atribuição de sentidos à prática educativa pautada pela Consciência Negra

Por fim, temos a entrevista com o professor doutor Luciano Mendes Faria Filho, realizada em 18 de fevereiro de 2022. O educador é graduado em Pedagogia (1988) e mestre em Educação (1991) pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1996). É professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente no campo da história da educação; história da infância; cultura escolar; história da escolarização; intelectuais e educação no Brasil; pensamento social brasileiro e educação.

Em suma, o dossiê *História e historiografia da educação capixaba* apresenta ao leitor uma compilação de estudos que percorrem temas da educação em perspectiva histórica, apontando para uma pluralidade de sujeitos, objetos e temas que buscam visibilizar desafios, fragilidades e potencialidades de se fazer pesquisa histórica em educação, pois assim como Lopes, Faria Filho e Veiga (2011), entendemos que a pesquisa histórica é também uma forma inegável de intervenção social.

Miriã Lúcia Luiz

UFES

## Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Univeresitária, 1982.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte, 2011.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcântara. A história da educação no Estado do Espírito Santo: o que se produz na academia. In: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcântara. **História da educação no Espírito Santo: vestígios de uma construção**. Vitória: Edufes, 2009. p. 13-25.

SIMÕES, Regina Helena Silva; BERTO, Rosianny Campos; SALIM, Maria Alayde Alcântara. Escritas da história da educação capixaba produzidas no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo (1992-2018). In: SIMÕES, Regina Helena Silva; BERTO, Rosianny Campos; SALIM, Maria Alayde Alcântara (Org.). **Temas da história e da historiografia da educação no Espírito Santo**. Campos dos Goytacazes (RJ): Brasil Multicultural, 2018, p. 24-39.

